

MICROSCÓPIO

Para os que sentem plenamente o mistério e transcendência da vida humana, é a pena de morte, aplicada ainda aos maiores criminosos, alguma coisa de monstruoso, uma como subversão das leis morais. Que se não há-de, pois, dizer e sentir, quando a morte é dada friamente e premeditadamente, por motivos de ordem meramente política, com a finalidade de eliminar um possível rival ou um simples adversário?

Duvido, por isto, que a execução de Pierre Pucheu possa lograr a aprovação, ou, sequer, a indiferença das almas bem formadas. Demos por fundados os capitulos do libelo acusatório. Ainda assim, poder-se-ia considerar justo o julgamento que se realiza no fragor da luta, no embate das paixões facciosas, quando os que instituíram o tribunal estão pugnando, não apenas pela pátria, mas também pelo dominio da pátria? Não deveria bastar esta só consideração para evitar-se a aplicação da pena capital, da pena que não tem remissão, nem remédio?

Demais, não era Pierre Pucheu um colaboracionista apañado ainda em plena colaboração. Pelo contrário, já antes da invasão da Africa do Norte, ali aportára éle, vindo pôr-se na boca do lobo, afim de trabalhar pela libertação da pátria sob o patrocínio do honrado general Giraud. Certo, poderia não haver sinceridade nenhuma, mas sómente cálculo e grande ousadia em tal proceder. Contudo, o haver éle abandonado a colaboração com os alemães, para vir combatê-los, devera bastar, senão para adiar o julgamento, pelo menos para sobreestar na execução da sentença, se a tudo não se sobrepuassem as paixões.

Pobre França! Como longe parece estar o termo dos seus padecimentos! Enrolado o invasor de seu solo devastado, continuará presa, ainda, da histero-epilepsia política, que sempre a tormentou.

RAUL PILLA

23 - 3 - 1944